

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

SANDRA DANIELI WERLANG

Afetividade e aprendizagem na Educação Infantil

Porto Alegre

**2º Semestre
2010**

Sandra Danieli Werlang

Afetividade e aprendizagem na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial e obrigatório para aprovação no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizado sob a orientação da Profª Drª Tania Beatriz Iwaszko Marques.

**Porto Alegre
2º Semestre**

2010

“O difícil não é impossível. Quem vive para o que der e vier , sabe que semeando a boa semente, ainda que seja pela umidade das lágrimas, um dia verá nascerem as plantas. Pode mesmo acontecer que os outros não valorizem o quanto custou esse trabalho. Não faz mal: você se comprometeu pelo ideal do bem. Não importa também se, nesse esforço, tropeçou e caiu, pois é aos que tombam na luta que se costuma chamar de heróis. Apenas o que se lhes pede é o testemunho da perseverança.” (Gianfrancesco T. Venturin)

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer:

A Deus, que em tantos momentos esqueci, mas que proporcionou a oportunidade de estudar, desenvolver minhas idéias e expandir meus conhecimentos e habilidades.

À minha mãe, que nunca mediu esforços para que eu concluísse os estudos, principalmente os primeiros anos escolares, e para isso foi tantas vezes batalhadora, teve paciência, deu apoio, carinho e incentivo.

Ao meu querido e especial irmão Daniel, que sempre ao me ver estudando, em muitos momentos em que eu me encontrava em desespero e lágrimas dizia: “Calma, você está plantando, vai chegar o tempo de colher”! E às vezes eu não acreditava! Eu queria largar tudo pelo caminho e era ele que com todo o seu equilíbrio novamente me sintonizava em busca desse sonho e acabávamos rindo juntos entre lágrimas. E hoje chegou a época da colheita, Daniel !!!

Ao Reinaldo, que com seu olhar objetivo de encarar a vida, percebia que tudo era passageiro, momentos bons e maus, e acreditava sempre no meu potencial em relação aos estudos.

À minha professora orientadora, Professora Dr^a Tania Beatriz Iwaszko Marques, que, com seus melhores atributos - tranquilidade, simplicidade e dedicação, conseguiu transformar esse período em uma experiência a mais na minha vida profissional e acadêmica, neste período de orientação que é tão delicado.

A todos aqueles que de uma forma ou outra não impediram a realização e a finalização deste curso com seu apoio e incentivos.

E, por fim, dedico a todos os meus professores, que durante minha vida escolar proporcionaram o necessário para o sucesso de minha aprendizagem.

RESUMO

A proposta deste trabalho é apresentar reflexões sobre a importância da afetividade e dos vínculos afetivos na aprendizagem de crianças, especialmente as da Educação Infantil. Para fundamentar a construção deste trabalho, busquei informações nos referenciais teóricos baseados nas idéias de Wallon e Vygostky. Da mesma forma, as contribuições de Saltini foram importantes para caracterizar um professor com olhar afetivo, que é aquele que se preocupa com a aprendizagem de seus alunos e, ao mesmo tempo, com a qualidade dessa aprendizagem, que deve ser significativa para o aluno, onde ele possa trazer suas experiências, fazer trocas, interagir, enfim estabelecer vínculos. A partir deste trabalho pude perceber e constatar porque é importante que se tenha na escola uma educação pautada por afetos e também um educador sério, competente e afetivo.

Palavras-chave: afetividade, aprendizagem, educação infantil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. SOBRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM.....	09
2. O OLHAR AFETIVO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA.....	13
3. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA.....	16
3.1. Emoções iniciais	16
3.2. A rotina afetiva que dá segurança e estabelece vínculos.....	19
3.3. Bebê Carol.....	21
3.4. Crescimento afetivo e cognitivo	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

O tema educação é abrangente e traz consigo vários enfoques. Nos dias de hoje, pode-se afirmar que é impossível falar e discutir sobre educação enfocando apenas o aspecto do conhecimento e excluindo o campo das emoções, pois não podemos esquecer que o ser humano é guiado por dois pólos complementares: a razão e a emoção. É notável que a afetividade no ambiente escolar pode favorecer uma aprendizagem sadia onde o aluno se percebe como indivíduo responsável pela construção da sua identidade e conseqüentemente do seu conhecimento.

É fato que não se pode separar afetividade de cognição, pois ambas caminham juntas. Segundo Wallon (1979), a personalidade é formada por duas funções básicas: inteligência e afetividade. A inteligência ou conhecimento está vinculado ao mundo físico, à construção do objeto. Já a afetividade está ligada às sensibilidades internas e orientada à construção da pessoa. Assim, a afetividade assume papel anterior à inteligência, no sentido de que assume função essencial no desenvolvimento humano, definindo os interesses e as necessidades individuais da pessoa.

A partir de reflexões e revisões teóricas acerca do tema em questão, desejo investigar a importância da afetividade no processo de aprendizagem das crianças da Educação Infantil. Para isso, buscarei suporte principalmente nas contribuições teóricas de Wallon e Vygotsky, tendo como base também a minha prática de Estágio Curricular numa turma de Educação Infantil realizada numa escola pública do

município de São Leopoldo. Portanto, as reflexões aqui apresentadas nada mais são do que um recorte do cotidiano escolar vivenciado na prática de estágio docente.

Aponto o problema que guiou meu trabalho de conclusão de curso: Qual a importância da afetividade no processo de aprendizagem das crianças de Educação Infantil?

Acredito que somente num ambiente onde há interação social, troca de sentimentos, afetos, vínculos e consciência afetiva a aprendizagem será mais humana e haverá um desenvolvimento cognitivo mais rico.

Apresento minha investigação dividida em três capítulos, sendo que o primeiro aborda o referencial teórico estudado com as contribuições de Wallon e Vygostky, que dão suporte ao tema em questão. O segundo capítulo versa sobre a importância do olhar afetivo do professor em sala de aula e as implicações deste olhar na prática docente embasado principalmente pelas idéias de Cláudio J.P. Saltini. Já o terceiro e último capítulo apresenta a reflexão sobre a prática, meus questionamentos, o relato das atividades planejadas e realizadas, assim como as constatações através dos trabalhos realizados.

Finalizando, aponto minhas considerações finais, concordando com as teorias de Wallon e Vygostky e ainda com as contribuições de Saltini e reafirmando as idéias de que somente num ambiente onde há interações e trocas entre os alunos e suas vivências, bem como a presença de um professor afetivo que dê importância tanto aos aspectos cognitivos quanto emocionais é que a educação pode de fato transcorrer de forma sadia e significativa.

1. SOBRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

Inicialmente, é importante retomar e relembrar o significado exato de alguns termos que serão abordados ao longo deste trabalho, a fim de auxiliar no entendimento e concepção dos mesmos e desta forma dar início ao trabalho. Assim, busquei auxílio na enciclopédia livre da internet, a Wikipédia, para compreensão dos termos abaixo:

Afetividade é a relação de carinho que se tem com alguém íntimo ou querido. É o estado psicológico que permite ao ser humano demonstrar os seus sentimentos e emoções a outro ser ou objetos e em psicologia, o termo afetividade é utilizado para designar a suscetibilidade que o ser humano experimenta perante determinadas alterações que acontecem no mundo exterior ou em si próprio. Tem por constituinte fundamental um processo cambiante no âmbito das vivências do sujeito, em sua qualidade de experiências agradáveis ou desagradáveis.

Sendo assim, a afetividade se relaciona diretamente com as experiências dos indivíduos nos mais diversos espaços, como a família, a escola e a comunidade. Essas experiências podem ser negativas ou positivas e interferem nas relações sociais que os sujeitos estabelecem com seus semelhantes. A seguir o significado do termo emoção:

Emoção é uma experiência subjetiva, associada ao temperamento, personalidade e motivação. Não existe uma teoria para as emoções que seja aceita de forma geral ou de forma universal. Existe uma distinção entre a emoção e os resultados da emoção, principalmente os comportamentos gerados e as expressões emocionais. As pessoas frequentemente se comportam de certo modo como um resultado direto de seus estados emocionais, como por exemplo chorando, lutando ou fugindo, mas ainda assim é possível ter a emoção sem o correspondente comportamento, então podemos considerar que a emoção não é apenas o seu comportamento e menos ainda que o comportamento não é a parte essencial da emoção.

Torna-se necessário ainda versar sobre a aprendizagem, uma vez que o trabalho em questão aborda esta temática: “Aprendizagem pode ser definido de forma sintética como o modo como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento”.

É fato que a interação social forma os processos psicológicos e estes se constituem da indissociabilidade entre afeto e cognição. Neste caso, as contribuições das teorias de Wallon e Vygostsky sobre esses dois processos pautam seus estudos na fase infantil, em especial quando expõem as etapas de evolução da criança e suas relações afetivas, especialmente, neste trabalho, as crianças de educação infantil.

Antes de mais nada, é preciso compreender que, segundo Wallon (2007 p.122), “ é inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante”, o que reforça mais uma vez que a aprendizagem tem ligação íntima com a afetividade. Ainda, segundo ele, o choro de um bebê recém nascido, mesmo que seja de fome, é carregado de valor afetivo, pois, além de ser a expressão de uma necessidade básica, no caso, alimentar, pode ser também emocional.

Passemos, então, a discorrer sobre a afetividade: segundo a corrente psicogenética de Wallon (Dantas, 1992), “a afetividade não é só uma das dimensões da pessoa, mas uma fase do seu desenvolvimento, talvez uma das mais arcaicas”. Isso significa que assim que o ser humano deixa a sua vida orgânica, e passa a ser afetivo, ele vai mudando para a vida racional. Daí pode-se deduzir (Dantas, 1992) “que no início da vida, afetividade e inteligência estão misturadas, com o predomínio da primeira”. E a partir de então:

A sua diferenciação logo se inicia, mas a reciprocidade entre os dois desenvolvimentos se mantém de tal forma que as aquisições de cada um repercutem sobre a outra permanentemente. Ao longo do trajeto, elas alternam preponderâncias, a afetividade reflui para dar espaço à intensa atividade cognitiva, assim que a maturação põe em ação o equipamento to sensório-motor necessário a exploração da realidade (Idem, p.90).

Cabe acrescentar ainda que, para que ocorra uma evolução, isto é, um progresso da afetividade, é necessário haver conquistas no plano da inteligência e o contrário ocorrer da mesma forma.

A partir disso, é relevante compreender que as crianças desde pequenas devem procurar relacionar-se com outras crianças a fim de interagir e dar espaço ao desenvolvimento da afetividade e aprendizagem. Assim, dá-se início a evolução da personalidade, sempre lembrando que as emoções estão associadas a este processo. Segundo Wallon (2007 p.124):

À emoção compete o papel de unir os indivíduos entre si por suas reações mais orgânicas e mais íntimas, e essa confusão deve ter consequência ulterior as oposições e os desdobramentos dos quais poderão gradualmente surgir as estruturas da consciência.

Desta forma, é no grupo familiar que a criança começa a vivenciar suas primeiras experiências afetivas. Mas, é no ambiente escolar que este processo torna-se rico e significativo. Tudo isso devido às oportunidades que a escola pode proporcionar. Isso, é claro, somado àquilo que as crianças trazem de casa, isto é, suas vivências e conhecimentos. Neste caso, a educação:

[...] é um processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o outro (Maturana, 2002, p.29).

As idéias de Wallon ainda foram de suma importância no que se refere à construção do indivíduo como um todo, pois ele sempre fundamentou suas pesquisas abordando os três aspectos da pessoa: afetivo, motor e cognitivo. Mas defendia a afetividade como sendo o aspecto mais importante, pois o considerava fator primordial de sobrevivência do ser humano.

Passemos então a discorrer sobre as idéias de Vygotsky que também defendia a não divisão dos aspectos cognitivos e emocionais no ser humano, apesar de que em suas obras nunca utilizou o termo cognição (Dantas,1992, p. 75), pois ele preferia usar os termos “consciência” ou “funções mentais”. Vygotsky (Idem, p. 76) afirmava que: “o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção.”

Desta forma, só é possível compreender o ser humano sem dissociar intelecto de afeto e Vygotsky defende também a importância das interações sociais, trazendo a idéia da internalização como aspecto fundamental para aprendizagem e também a interação entre os sujeitos envolvidos.

Analisando conjuntamente as teorias defendidas por Henri Wallon e Lev Vygotsky, pode-se concluir, em suma, que há alguns pontos comuns que os autores assumem no que se refere à afetividade. Segundo Sérgio Leite (2006, p. 24) estes pontos são:

A) Assumem que as manifestações, inicialmente orgânicas, vão ganhando complexidade à medida que o indivíduo desenvolve-se na cultura, passando a atuar no universo simbólico, ampliando-se suas formas de manifestação. B) Assumem, pois o caráter social da afetividade. C) Assumem que a relação entre afetividade e inteligência é fundamental para o processo de desenvolvimento humano.

Diante do que foi apresentado aqui, e segundo os apontamentos trazidos pelos referenciais teóricos, podemos afirmar que falar de emoção, afetividade, aprendizagem, inteligência, enfim, cognição, significa abrir as portas para um mundo de inter-relações e que estas ocorrem em diversos ambientes - no grupo familiar e no contexto escolar como um todo - e estas experiências devem ser facilitadoras para nossos alunos aprenderem mais e serem mais felizes.

2. O OLHAR AFETIVO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA

Refletindo sobre a afetividade no processo de aprendizagem, se percebe muitas vezes o quanto este tema não é levado em consideração por alguns professores. A questão é que muitos educadores pensam que só o conhecimento é que importa, deixando de lado as questões afetivas. As conseqüências dessa prática, especialmente na educação infantil, período que se vivenciam as maiores experiências de interação e trocas entre os alunos, podem ser danosas para o desenvolvimento das crianças, pois o professor deve compreender acima de tudo que a afetividade é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, idéia essa que Wallon já defendia como visto no capítulo anterior. Sendo assim, é importante que o professor planeje e proporcione atividades e brincadeiras para seus alunos, fazendo com que se sintam bem, queiram brincar e, ao mesmo tempo, aprender. Ilustro aqui com uma citação de Paulo Freire (1996, p. 159) que a meu entender expressa bem sobre a postura do professor afetivo:

[...] como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar.

Assim, o professor com uma postura afetiva deve preocupar-se com o bem estar dos alunos, pois a criança, especialmente a da Educação Infantil, deseja e necessita ser acolhida e amada e assim aos poucos irá suscitar a sua curiosidade para o aprendizado. Segundo Saltini (2008, p.100), o afeto é o fio condutor para uma aprendizagem sadia. E assim:

A inter-relação da professora com o grupo de alunos e com cada um em particular é constante, se dá o tempo todo, seja na sala ou no pátio, e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente. Essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento.

Segundo Cláudio Saltini (2008), “o educador serve de continente para a criança”. Isso implica dizer que o continente nada mais é senão o espaço onde são depositadas as pequenas construções e onde elas tomam um significado, isto é, um sentido. É necessário afirmar também que o papel do professor é bem diferenciado do papel do aluno. É claro que ambos contribuem e interagem num processo onde se mesclam experiências afetivas e cognitivas, mas cada qual com sua função, isto é, cabe ao professor preparar e organizar o ambiente onde as crianças vão buscar seus interesses. Neste sentido tudo serve para aprendizagem, cada situação problema, cada cantinho da sala de aula, a rotina e inclusive o pátio também é um local onde se faz educação. No entanto, Saltini (2008, p.101) afirma que para isso é necessário que “o educador seja antes de tudo um curioso, um pesquisador, possibilitando assim, à criança descobrir verdades, ao invés de impor conteúdos”. Diz Piaget, em discurso em 1972, quando recebeu o prêmio Erasmo:

O papel do mestre deve ser o de incitar á pesquisa e de fazer tomar consciência dos problemas , e não ditar a verdade: compreender é inventar ou reinventar e dar uma lição prematuramente é impedir a criança de encontrar ou redescobrir as soluções por si mesma.

Cabe ao professor estabelecer uma relação com o grupo todo e com cada aluno individualmente, uma vez que cada ser é único e se diferencia dos demais. Essa relação deve ser tanto a nível cognitivo e afetivo e Saltini defende que o professor precisa oportunizar aos alunos situações em que elas evidenciem seus sentimentos na escola, “não apenas sua inteligência ou sua capacidade de aprender”.

Outras características necessárias a um educador afetivo são a serenidade e a paciência. Muitas vezes, em situações difíceis do cotidiano escolar, que são muitas, como em brigas, conflitos e disputas, essas qualidades fazem parte da “paz que a criança necessita”. Neste sentido Saltini (2008, p. 102) orienta:

Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor vai assegurar a criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador. A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento do si mesmo, tanto do educador, quanto da criança.

Enfim, para se manter uma postura afetiva, o professor precisa antes de tudo, tratar a todos os alunos com igualdade, sem demonstrar maior ou menor sentimento por um ou por outro. Da mesma forma, manter o diálogo com todos os alunos envolvidos, fazendo com que a vida na escola seja algo vibrante, alegre e de interesse aos alunos.

3. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA

Este capítulo tratará especificamente sobre a prática do estágio docente desenvolvida numa turma de Educação Infantil de uma escola pública do município de São Leopoldo, com grupo de alunos na faixa etária de cinco anos. A primeira parte será um relato breve sobre as emoções iniciais vivenciadas nesta experiência docente, evidenciando a adaptação dos alunos e da professora e as atividades pedagógicas iniciais. A parte que segue aborda a rotina vivenciada por estes alunos, a criação de novos vínculos afetivos e a introdução de atividades diferenciadas como as relacionadas com a boneca da turma: Bebê Carol. A terceira parte aborda justamente todas as atividades desenvolvidas e relacionadas à Bebê Carol e aos alunos. E por fim o crescimento afetivo e cognitivo dos alunos associado às aprendizagens da prática docente.

2.1. Emoções iniciais

Durante meu estágio procurei planejar aulas bastante diversificadas, oportunizando aos pequenos alunos o pleno desenvolvimento de suas habilidades e capacidades dentro dos objetivos propostos no Projeto de Estágio.

Confesso que inicialmente minhas emoções estavam muito latentes, pois além de não ser a professora titular do grupo de alunos, também não tinha trabalhado com crianças da Educação Infantil. Foi neste momento que ser um professor afetivo tornou-se uma das minhas maiores ambições, afinal não queria que nenhuma criança me rejeitasse ou não quisesse mais frequentar as aulas, por ter uma nova professora na sala, apesar de saber que este comportamento, se ocorresse, seria absolutamente normal. Foi a partir daí que procurei construir uma relação de carinho com os alunos, buscando inicialmente respeitar a rotina a qual eles já estavam habituados e aos poucos, com os laços e vínculos tornando-se mais duradouros, introduzir novas experiências de aprendizagem. Saltini (2008, p. 102) defende a rotina, no sentido de que esta dá suporte psicológico a criança:

O que rege a vida cotidiana é a sequência dos acontecimentos. A duração de cada atividade pode mudar, aumentar ou diminuir (roda, lanche, pátio, história, etc.), porém não a sua ordem.... O hábito e os rituais em sequência são essenciais para a segurança psicológica da criança; estes são um porto seguro para o novo.

Neste período destinado ao estágio, procurei sempre planejar as aulas pensando em propor, ao máximo, atividades criativas e diversificadas, a fim de oportunizar aos alunos momentos de trocas, convivências, experiências e ao mesmo tempo procurando utilizar diferentes metodologias, ora com atividades lúdicas, ora através da narração de histórias e na maioria das vezes com o registro das atividades realizadas. Percebi o quanto a afetividade é importante para se trabalhar com os pequenos, pois eles são bem mais sensíveis e verdadeiros na hora de expressarem seus sentimentos e também mais vulneráveis às manifestações emotivas de colegas e do professor.

Como a turma não era minha e fazia tempo que não lecionava para os pequenos, senti algumas dificuldades iniciais. As principais eram referentes à necessidade intensa que os alunos possuíam de brincar, eles brincavam muito e perguntavam sempre quando podiam pegar outros jogos, quando iríamos à pracinha, etc. Neste sentido, o texto de Tânia Ramos Fortuna (2004, p. 50), *Vida e morte do brincar*, muito me auxiliou a compreender a importância do brincar. Ilustro com a seguinte citação:

Brincamos/jogamos porque essas atividades geram um "espaço para pensar" (Gibello apud Brenelli, 1996), em que fazemos avançar o raciocínio, desenvolvendo o pensamento, já que a atividade lúdica, justamente por pressupor ação, provoca a cooperação e a articulação de pontos de vista, estimulando a representação e engendrando a operatividade. As interações que oportuniza favorecem a superação do egocentrismo, desenvolvendo a solidariedade e a empatia e podem introduzir, através do compartilhamento de jogos e brinquedos, novos sentidos para a posse e o consumo. Contudo, quem brinca/joga, brinca por brincar, brinca por prazer, brinca porque de que outro modo far-se-iam amigos (e inimigos)?

Outra questão que me trazia um pouco de angústia inicial era referente ao tempo despendido para as atividades: os alunos faziam tudo muito rapidamente, o que os diferenciava muito dos alunos maiores, que eu estava acostumada. Aliás, a rotina da Educação Infantil é um desafio diário, uma vez que o planejamento precisa ser flexível e contemplar atividades variadas, dessa forma acredito que a pedagogia de projetos é um dos melhores caminhos para inovar e quebrar com o marasmo do cotidiano escolar e ao mesmo tempo exigir do professor uma nova postura. Segue a citação que contempla minha reflexão:

Ninguém pode ditar caminhos da inovação; os caminhos da inovação se encontram em nosso interior, sob a pele de cada professor. [...] cremos que a melhor forma que dispomos para incidir na melhoria prática da escola é aportar as reflexões que nos sugere a pequena batalha diária (Cela e Palau, 1997, p.8).

No que se refere aos momentos de trabalho dirigido, a participação das crianças me surpreendeu bastante. Um exemplo disso ocorreu em uma terça-feira do mês de abril de 2010 quando após a proposta de trabalho, os alunos expressaram desejo de desenharem, além de si mesmos, a sua família. Expliquei que naquele momento gostaria que eles só desenhassem a si mesmos e que outro dia eu contemplaria a ilustração da família de cada um. Este pedido dos alunos me fez enxergar a possibilidade de fazer um link no Projeto *Eu no mundo*, trazendo a família também para dentro da sala de aula, quando possível. Saltini (2008, p. 103) defende a participação dos pais na escola e na sala de aula, sendo que o autor dá algumas dicas:

O educador poderá pedir aos pais que venham falar do que sabem e do que fazem... , na medida do interesse das crianças por um determinado tema, fazendo as devidas ligações das declarações dos pais com os fatos evidenciados pelas próprias crianças.

Noutro dia, ao retomar e relembrar a atividade descrita acima, a participação do grupo foi ainda mais rica, pois eles de imediato se lembraram de que haviam pedido para desenharem suas famílias. Fiquei feliz, pois isso demonstrou o entrosamento do grupo naquilo que estava trabalhando e desenvolvendo e da mesma forma eles estão mostrando que também querem participar das atividades. Nos momentos de brinquedo livre, jogos coletivos e até mesmo pracinha pude perceber o quanto as crianças desta faixa etária já se permitem realizar experiências afetivas, trocas, acordos e, o melhor de tudo, sem tantas brigas, solicitando apenas a intervenção da professora quando não há um acordo comum ou troca. Justifico isso trazendo a seguinte citação:

Aos cinco anos torna-se mais sociável. É mais amistosa que hostil. Os desejos dos companheiros começam a ser considerados, com promessas compensatórias, mas ela ainda se coloca em primeiro lugar (Ferreira, 2002, p.16).

Foi exatamente assim que percebi a maioria das crianças pertencentes a este grupo de alunos, eles pareciam se ouvir mais uns aos outros nesta fase, ficavam atentos aos pedidos e solicitações dos colegas, mesmo que nem sempre se dispunham a atender esses pedidos. Em contrapartida, segundo Fortuna (2004, p.49), os alunos desta faixa etária já estabelecem vínculos afetivos, como sugere a citação a seguir: “por outro lado, tanto jogo quanto brincadeira contêm a idéia de laço, relação, vínculo, pondo indivíduos em relação consigo mesmos, com os outros, com o mundo enfim”.

Também referente à ludicidade e ao brincar na sala de aula havia o dia de trazerem brinquedos de casa. Num primeiro momento considerei aquilo como um tempo perdido, pensei: porque deixar que tragam brinquedos de casa, se já há tantos outros momentos de brincadeira na escola? Mas estava enganada. É em momentos como este que observando as brincadeiras e atitudes dos alunos, brincando livremente com aquilo que de fato lhe pertencem, ou seja, seus brinquedos, que tiramos ricos exemplos daquilo que aprendemos durante o curso. Exemplifico através da seguinte citação:

Aparece a regra no brinquedo. A ação individual deve ser inteligível para os companheiros; assim o faz-de-conta e a representação tendem para uma imitação cada vez mais perfeita do real e acaba sendo o melhor meio de as crianças se entenderem (Ferreira, 2002, p. 16-7)

E foi assim que percebi o quanto o brincar e o faz de conta são importantes para a criança desta faixa etária.

2.2. A rotina afetiva que dá segurança e estabelece vínculos

Depois de já estar mais acostumada às crianças e elas a mim, acredito que a palavra que melhor possa definir o engajamento do grupo, seja envolvimento. Ao expressar tal sentimento refiro-me ao sentido mais literal que essa palavra abrange, isto é, “estar enredado, comprometer-se, deixar-se seduzir”. E este envolvimento não se reduziu apenas a uma relação unilateral, ao contrário, é um movimento de integração e interação entre o grupo de alunos e eu enquanto professora do mesmo.

As atividades desenvolvidas cada vez mais proporcionaram possibilidades de abertura, diálogo, confiança e cumplicidade, que são ingredientes necessários para se estabelecer um vínculo real e afetivo entre educando e educador e conseqüentemente haver aprendizagem. E em todas elas tentei dar um enfoque mais divertido, mais lúdico. Foi assim com a narração da estória *Uma joaninha diferente*, de Regina Célia Melo. Mesmo tendo trazido esta estória com o objetivo de trazer à tona discussões e reflexões sobre as diferenças existentes em cada um de nós (tema abordado nesta narrativa), lembrei-me das contribuições de Fanny Abramovich (1995, p.1) que muito bem abordou a importância de ouvir estórias:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...] É também suscitar o imaginário, e ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, e encontrar outras idéias para solucionar questões (como os personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados,

enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo).

Dando continuidade à atividade anterior, retomei a estória *Uma joaninha diferente*, através do uso de power point com data show. Os alunos gostaram muito, afinal foi utilizada uma tecnologia diferenciada em sala de aula. Eu apresentei os slides da estória, porém em uma edição mais antiga, sendo assim, as ilustrações também eram diferentes do livro trabalhado no dia anterior. Essa minha atitude foi proposital visando perceber se eles reconheciam a estória e sua sequência e para minha surpresa todos logo descobriram. Disse a eles que seriam eles mesmos quem contariam a estória para mim e foram então narrando sem necessitar nenhum auxílio meu. Alguns alunos repetiram palavras e expressões constantes no livro, ficando evidente assim a internalização dos fatos narrados. Aqui exemplifico com mais uma contribuição de Fanny Abramovich (1995 p. 1) sobre como contar as histórias:

Ah, é bom falar muito baixinho, de modo quase inaudível, nos momentos de reflexão ou dúvida... Ah, é fundamental das longas pausas quando se introduz o "Então", para que haja tempo de cada um imaginar as muitas coisas que estão para acontecer em seguida... E é bom valorizar o momento em que o conflito está acontecendo e dar tempo, muito tempo, para que cada ouvinte o vivencie e tome a sua posição.

Uma das atividades planejadas no projeto de estágio era a construção de um painel com as fotos de bebês que eles trouxeram no decorrer das semanas. Esta atividade da apresentação das suas fotos de quando bebês foi riquíssima, mesmo para aqueles que não haviam trazido nenhuma foto. Eles se sentiram demasiadamente importantes! Combinei com eles de que o aluno "dono" da foto não poderia se identificar aos colegas quando eu mostrasse a fotografia e eles obedeceram direitinho. Então através da observação e características das fotos eles tinham que descobrir de quem pertencia àquela fotografia. Eles adoraram!

2.3. Bebê Carol

Noutro momento, aproveitei o dia do brinquedo livre para fazer uma surpresa aos alunos que iria mudar definitivamente o rumo da minha prática de estágio. Disse que tinha trazido também um brinquedo para brincar com eles e eles ficaram

curiosos. Mostrei então uma boneca e falei que era bem simples, era minha boneca e que eu brincava com ela quando pequena. Então, naquele momento, apesar de não ter planejado, sentei-os numa rodinha e comecei uma brincadeira de "faz de conta". Disse que a boneca estava falando comigo e estava dizendo que gostaria de brincar com eles e também de conhecê-los melhor. Eles prontamente entraram na "brincadeira", o que me faz ter certeza de que há a necessidade do lúdico na sala de aula como um espaço de manifestações afetivas e conseqüentemente aprendizagens prazerosas. Como Tânia Fortuna (2000, p. 60) nos traz:

Uma aula ludicamente inspirada não é necessariamente, aquela que ensina conteúdos com jogos, mas aquela em que as características do brincar estão presentes, influenciando no modo de ensinar do professor, na seleção dos conteúdos, no papel do aluno. Nesta sala de aula, convive-se com a aleatoriedade, com o imponderável; o professor renuncia a centralização, à onisciência e ao controle onipotente e reconhece a importância de que o aluno tenha uma postura ativa nas situações de ensino, sendo sujeito de sua aprendizagem; a espontaneidade e a criatividade são constantemente estimuladas.

Indaguei então de que forma a boneca poderia ser íntima de cada aluno. Eles falaram que cada um poderia pegá-la no colo. Então mais uma vez fiz de conta que a boneca soprou no meu ouvido algo e eu perguntei para ela o que era, sendo que me respondeu que gostaria de ir visitá-los em suas casas, mas que tinha um pouquinho de medo e gostaria de ser bem cuidada. O grupo de alunos delirou! Todos disseram que sim, que gostaram da idéia de levá-la para casa e enfim decidimos que a bebê iria acompanhá-los. Em seguida os alunos me perguntaram qual o nome da boneca e aí eu fui pega de surpresa! Mas como resposta pensei em escolhermos juntos um nome. Surgiram algumas sugestões: Rafaela, Duda ou Carol. Então fizemos uma votação através de voto direto. Como mais votado ficou bebê Carol. Combinei que mandaria um bilhete aos pais explicando sobre a dinâmica e funcionamento da visita da bebê Carol nos lares e que a levaria para casa para dar um banho no final de semana a fim de prepará-la para as visitas.

Na condição de educadora, me pareceu pertinente e importante pontuar e registrar essas visitas. Então pensei em fazer um caderno de registros que pudesse acompanhar a boneca em cada casa e que cada pai/mãe/responsável pudesse

escrever, relatar algo sobre a visita. Isto me remeteu à lembrança da criação do blog no decorrer do nosso curso de Pedagogia, que muitas vezes me pareceu tão inadequado em muitos momentos, mas que hoje mostra sua importância e relevância nas nossas aprendizagens. O Caderno de Registros da Bebê Carol seria uma espécie de blog/portfólio (não informatizado), onde alunos e familiares colocariam suas vivências e experiências com a boneca em seus lares. Da mesma forma este portfólio da bebê Carol serviria para verificar através de um processo auto avaliativo por parte da educadora, o sucesso ou não da atividade em questão, através das manifestações escritas dos familiares e crianças. Neste sentido, o portfólio tem também função diagnóstica e avaliativa e segundo Villas Boas (2004, p. 46-7)

O portfólio serve para vincular a avaliação ao trabalho pedagógico em que o aluno participa da tomada de decisões, de modo que ele formule suas próprias idéias, faça escolhas e não apenas cumpra prescrições do professor e da escola. Nesse contexto, a avaliação deixa de ser classificatória e unilateral.

Também neste momento torna-se necessário alertar aos pais sobre a importância do simbolismo para as crianças nesta faixa etária e com uma mensagem de abertura enviei o caderno juntamente com a boneca para casa de uma das crianças, escolhida através de sorteio. Ao iniciar o Caderno de Registros enviei uma mensagem aos familiares que deixo aqui registrado:

Primeiras palavras aos familiares,

Eis aqui o Caderno de Registros da Bebê Carol. Vamos lembrar que a infância é a fase das funções simbólicas na vida de cada ser humano. Assim, a criança aprende por símbolos. Com o “levar a bebê Carol” para casa, a criança estará, de forma simbólica, construindo relações de zelo, de cuidado, de carinho, de afetividade, de responsabilidade, amizade e respeito.

Com carinho,
Professora Sandra

Outra atividade em que o grupo participou ativamente foi a proposta envolvendo as roupinhas de quando eram bebês. O momento onde cada aluno apresentou sua roupa de bebê ou acessório (sapatinho, babador, etc) e falou sobre o mesmo, foi muito significativo, pois permitiu momentos de troca, de escuta e também se perceberam semelhantes ao outro enquanto sujeitos, uma vez que muitos evidenciaram os mesmos sentimentos e emoções em relação as suas peças de vestuário, assim como viveram processos históricos semelhantes em suas vidas, como, por exemplo: a primeira roupinha, o primeiro sapatinho, a lembrancinha de bebê, a roupa que a dinda deu etc. E dessa forma ouvi alguns dizerem: *“Ah profe, essa é a minha roupa de batizado, a minha mãe quem disse”*. Registramos tudo e eles se sentiram muito importantes.

Paralelamente alguns comentaram que a roupinha serviria na bebê Carol, se necessário. A naturalidade da aluna Ana Clara¹ em apresentar a sua camisola “já de menina grande” e não mais bebê, mais uma vez colocou em foco o tema adoção. O grupo já sabia que a aluna era filha adotiva, mas agora com a apresentação da “roupa grande” ficava mais evidente, afinal surgiram questões: *“Por que a Ana Clara não trouxe roupa de bebê? Onde estão as roupinhas de bebê dela?”* Foi assim que combinamos de convidar a mãe da Ana Clara e pedir que nos contasse um pouco mais sobre como é adotar uma criança e como é ser mãe de coração. Finalizando, penduramos as roupinhas no varal e após registramos através de ilustrações com o título da folha: MODA BABY. Refletindo acerca desta atividade tão recheada de emoções, aprendizagens, experiências, comparações, enfim de vivências, percebi o quanto o ambiente escolar deve ser acolhedor para que as crianças sintam-se à vontade de se expressarem e ao mesmo tempo de aprenderem. Mas foi buscando a teoria que encontrei respaldo para algumas inquietações minhas. Uma delas compartilho aqui através da seguinte citação:

¹ Todos os nomes de alunos utilizados neste trabalho são fictícios.

É preciso que as crianças que vêm à escola possam engajar-se em seu próprio aprendizado (ao invés de sofrerem ensinamentos). Além disso, a pedagogia de projetos permite viver numa escola alicerçada no real, aberta a múltiplas relações com o exterior: nela a criança trabalha “para valer” e dispõe dos meios para alicerçar-se (Jolibert, 1994, p.21).

Gostaria também de expressar que considero muito importante a questão dos registros das atividades desenvolvidas com os alunos. Não me refiro ao registro meramente em fotos, mas daquele registro onde o aluno constrói a sua percepção do momento vivenciado seja através de uma simples ilustração, um recorte ou algo moldado em massa de modelar, pois é nesta construção que ele seleciona e reelabora mentalmente aquilo que foi mais significativo para ele em determinado momento, sendo que estes simples registros podem se tornar uma espécie de memória pedagógica do trabalho desenvolvido. É claro que muitas vezes acabei utilizando trabalhos anteriores para estabelecer comparações, relembrar fatos, etc. O registro do professor também é importante, pois este se faz e se refaz através da prática. Madalena Freire (1983, p.77) cita a importância do registro quando afirma: “É também importante documento, onde o vivido é registrado, com a colaboração dos alunos. Neste sentido, educador e educando, juntos, repensam sua prática”.

Sempre gostei muito de contar histórias e por isso fiz uso diversas vezes deste artifício durante o estágio, com o objetivo de suscitar o imaginário das crianças, pois considero a narração um dos momentos onde o professor pode perceber mais profundamente as emoções que as crianças expressam, seja através da fala, de expressões faciais, gargalhadas, olhares atentos, etc. Isso tudo Fanny Abramovich (1995, p.1) demonstra e relata no capítulo 1 do seu livro, conforme citação abaixo:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente, tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve com toda a amplitude significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é

ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Outro atividade que destaque foram as visitas da bebê Carol nas casas das crianças. A boneca acompanhava cada aluno através de sorteio realizado em sala de aula e juntamente ia o Caderno de Registros da Bebê Carol. A seguir transcrevo o relato da primeira visita, na casa da aluna Fernanda.

Recebemos a bebê Carol com todo carinho. A Fernanda salientou a importância de colocá-la a mesa na hora das refeições, não deixar ela sozinha, fazer de conta que coloca ela no banho, brincar com ela e colocá-la para dormir.

A bebê Carol dormiu junto com a Fernanda e durante a manhã ficou junto nas brincadeiras.

Ass. Família da aluna Fernanda.

Outro momento significativo foi o dia da visita da dona Noeli (mãe adotiva da aluna Ana Clara), à escola. Todos estavam ansiosos (eu, a Ana Clara, a dona Noeli – mãe, e é claro os pequenos alunos também). Fizemos uma roda com as cadeirinhas no pátio da escola e lá sentamos e iniciamos nossa roda de conversa. Neste encontro, a mãe da Ana Clara explicou para os alunos com uma linguagem simples, mas demonstrando muito afeto, todo o processo que enfrentou para ter a sua filhinha. Ela explicou para as crianças que teve que ir num local chamado fórum e preencher “um monte de papéis” para se inscrever para ter um filho. E que ela não precisou ir ao médico, afinal não estava grávida como aconteceu com a mãe de todos eles. Mas que ela também teve que esperar, assim como numa gestação, apenas com uma diferença: enquanto as mulheres esperam nove meses, carregando seus bebês para serem mães, ela esperou cinco anos! Neste instante, as crianças ficaram bastante impressionadas, afinal era muito tempo e uns disseram: “*Mas eu tenho cinco anos!*” Particularmente fiquei bastante emocionada até porque as crianças ao final questionaram: “*Mas a Ana Clara te chama de mãe?*” Ao que eu interfeirei e disse que achava que esta pergunta era para para a Ana Clara que, sorrindo, levantou, veio correndo e abraçou a sua mãe, afirmando um sonoro SIIIIIMMM.

Dias após a visita recebi um bilhete da dona Noeli relatando através de palavras simples o que ela sentiu e o reflexo da sua vinda na escola para tratar sobre o tema adoção. Transcrevo o mesmo abaixo:

Profe Sandra!

Com certeza, tive resposta positiva.

A minha menina Ana Clara chegou em casa e disse: Mamãe, eu nunca mais quero a outra mãe.

Tu é a minha mãe de sangue e do coração pra sempre, decidi hoje.

Ela disse: Mãe tu me ensina o que é certo e o que é errado.

Imagine a emoção em ouvir essas palavras!

Meu coração está muito feliz.

Ass. Noeli

Após a leitura deste bilhete percebi algo que nós, enquanto educadores, sabemos que é importante fazer, mas às vezes não praticamos por puro comodismo ou qualquer outro motivo: trazer a família para dentro da escola, dentro da sala de aula, aproximar pais, alunos e professores para tornar a aprendizagem mais significativa e prazerosa. Vejo que através de uma simples atividade como essa pode auxiliar a tornar o vínculo entre mãe e filha mais forte e ao mesmo tempo oportunizar aos alunos uma experiência única, de ouvir um relato tão emocionante como foi o da mãe da Ana Clara. As crianças deste grupo são crianças queridas, afetivas, com sede de aprender, muita sede de falar e sem problemas de disciplina ou brigas.

Durante os trabalhos dirigidos sempre colocava o nome dos alunos nas folhas para identificação dos mesmos e aos poucos percebi que alguns alunos já estavam escrevendo seu nome, outros tentando, ainda outros copiando, por isso também trabalhei este tema durante o estágio.

Acredito que outra atividade significativa foi a atividade intitulada: Banho de Bacia. Convidei a mãe do aluno Nicolau, dona Maria para vir dar um banho na bebê Carol. Ela prontamente aceitou. Providenciamos os objetos necessários e realizamos a atividade na sala de aula. Os alunos adoraram! Dona Maria foi muito

feliz em explicar aos alunos pequenos detalhes para dar um banho num bebê, como: não usar anel nem pulseira para não arranhar a pele do bebê que é delicada, preparar a água na temperatura ideal e chamou os alunos para verificarem com suas mãozinhas a temperatura da água. Também explicou a posição do bebê, quais partes do corpo lavar primeiro, a questão da importância do vínculo e do afeto entre mãe e bebê etc. Os alunos ficaram maravilhados... Depois secou a bebê, passou pomada para assaduras, limpou os ouvidos (sem cotonetes e explicou o porquê desta atitude) e a partir daquele dia a nossa bebê Carol passou a usar fraldas. Foi um momento especial de aprendizagem, troca e falas interessantes dos alunos, pois eles contribuíram com o que já sabiam, como por exemplo: *“Tem que cuidar para o bebê não engolir água”!* Neste sentido, encontro em Freire e suas sábias palavras uma passagem do livro *Pedagogia da Autonomia*, da relação que se deve estabelecer em sala de aula, quando ele afirma:

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (Freire, 1996, p.26).

Para concluir a reflexão sobre esta atividade deixo as palavras alegria e emoção. Assim descrevo: aprendizagem alegre e feliz, ao mesmo tempo em que o espaço para o momento sério também existia. Olhares atentos para o novo (da parte dos alunos) e novos questionamentos e posições da minha parte: para construção de maiores desafios e oportunidades de aprendizagem. Pensar e criar juntos com os pequenos, novas possibilidades de aprender e tornar a sala de aula um lugar infinito de novos saberes...

2.4. Crescimento afetivo e cognitivo

Com o passar do tempo, as atividades e trabalhos realizados foram tomando um formato mais estruturado, isto é, houve uma sequência em tudo o que foi desenvolvido e os alunos demonstraram envolvimento nestas tarefas. Trabalhar as questões de higiene, sempre partindo das experiências e vivências com a bebê

Carol, tornou o trabalho mais rico e significativo, pois eles podiam estabelecer relações práticas com aquilo que já haviam vivenciado, assim como com questões e informações trazidas na visita da mãe do Nicolau, quando do momento “Banho de Bacia”. Em todas as atividades dirigidas houve uma intensa participação oral e tornou-se necessário organizar essas participações a fim de que todos pudessem ser ouvidos e, da mesma forma, esperar a sua vez para falar. Foi aí que entraram em cena as combinações de levantar o dedo para falar, esperar a sua vez, etc. Desenvolver esta habilidade requer paciência e bom senso... E é aqui que percebo o quanto os alunos mudaram. Mas acredito que essas mudanças foram positivas, pois eles começaram a participar bem mais e algumas crianças de quem antes nem se ouvia a voz, já se expressam livremente. Fico bastante feliz, pois vejo que tudo até aqui desenvolvido colaborou para este progresso e esta minha “intranqüilidade” em relação às mudanças comportamentais foram desprovidas de sentido. Isso tudo porque, em educação, apostamos na mudança, no crescimento, desenvolvimento e evolução dos alunos e para atingirmos esses objetivos é necessária a mudança de postura do professor e de conduta dos alunos. Ilustro aqui com um trecho de Paulo Freire (1996, p. 20) em sua *Pedagogia da Autonomia*:

Mais do que um ser no mundo, o ser humano precisa se tornar uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como “não eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe.

Com o passar do tempo da prática de estágio, pude perceber o quanto a rotina e a sequência de atividades é importante para a Educação Infantil. A criança pequena precisa de referenciais para que se sinta segura e a rotina diária permite esse “estar seguro”, sentir-se protegido diante da possibilidade de saber o que acontecerá posteriormente no decorrer da aula. Isso não significa que o novo, a novidade, não tenha espaço dentro da rotina. Diariamente havia um momento em que as crianças não sabiam exatamente o que iria acontecer, e era geralmente no momento do trabalho dirigido. Este momento é muito esperado por elas! Tanto é que já no início da aula, alguns alunos vinham questionar o que iríamos fazer durante a tarde. Esses questionamentos servem ao professor como uma espécie de

termômetro, indicando o caminho a seguir, mostrando se a criança está feliz, pois a criança pequena é por natureza um ser alegre, pequenas coisas já a entusiasmam e se algo realmente a incomoda, ela expressa naturalmente, porque seu corpo demonstra, evidencia, quando não está contente, e às vezes até o silêncio extremo é um indício disso. Mas, para isso, o educador precisa ser acima de tudo um atento observador. Como a questão das combinações e regras de convivência veio à tona novamente, sendo necessário interferências constantes referentes aos acordos realizados, como esperar a vez, levantar o dedo, a questão da organização da fila e outras coisas mais. Acredito que essas questões são desafiadoras para o educador, pois é necessária a constante paciência do professor em sempre dialogar e retomar o assunto. Afinal, como diz Serrão (1999, p. 26):

O educador tem um lugar. Às vezes precisa ser firme, fazendo intervenções determinadas e específicas. Precisa ter e colocar limites [...]. É preciso estabelecer limites sem ser brusco, de uma forma delicada, fazendo uso da palavra [...] lembrando as regras de convivência e mostrando a consequência de sua ação. E isso só é possível se ele souber seu lugar.

Durante o estágio também me aventurei a tomar algumas iniciativas um pouco mais ousadas em relação ao planejamento de algumas atividades. Como já havia descrito anteriormente, os alunos estavam evidenciando desejo e vontade em relação à escrita do próprio nome. Primeiro foram dois, três alunos, depois o número foi aumentando até que a vontade de um pequeno grupo contagiou os demais, mesmo aqueles que apresentavam certa dificuldade. Não sabia bem como iniciar este trabalho, mas considerei que a melhor forma seria através de atividades práticas, com o uso de crachás e alfabeto, servindo como material de apoio. E foi assim que iniciei, sempre tendo como base o diálogo. É evidente que todo este processo iniciou naturalmente e foi fluindo rapidamente de acordo com o interesse dos alunos.

No decorrer dos dias eles foram se interessando por outras palavras, como o meu nome e também as palavras que eles viam escritas na sala de aula. Nessa questão é importante destacar que a criança interage com o mundo que a cerca, inclusive o da escrita. Essa riqueza de experiências que ela vai adquirindo em

contato com esse mundo torna-se fundamental para o desenvolvimento cognitivo. Mesmo sem saber ler e escrever a criança usa suas experiências para construir hipóteses em relação à linguagem. Isso tudo demonstra que são crianças felizes demonstrando alegria, vivacidade e intensa vontade de aprender. Pude perceber que muitos dos alunos já estão bem mais envolvidos nas atividades que envolvem letras, pois ao folhearem revistas para procurar as letras do seu nome já iam fazendo associações com outras letras e estabelecendo relações e comparações com nomes de colegas que continham as mesmas letras. Refletindo sobre isso penso que aqui já se inicia o processo de alfabetização, mas não essa alfabetização “crua” que é empurrada de qualquer forma aos alunos. Refiro-me ao processo natural, aquele onde o desejo e a curiosidade dos alunos prevalecem. Aqui ilustro com uma passagem do livro de Idalina Ferreira (2002, p. 265):

As palavras se apresentam para a criança, no início sem um significado coerente. Elas aparecem junto a outras e em determinados contextos. Formulando suas próprias hipóteses e compartilhando-as com as de seus colegas, vai, pouco a pouco, apropriando-se do mundo da escrita. Cabe ao professor valorizar essas experiências, reconhecendo-as como etapas da alfabetização. O importante é canalizar da melhor forma possível.

Nos últimos dias de prática de estágio, muitas emoções afloraram, assim como sentimentos que me fizeram lembrar e reviver muitos momentos do estágio. Aliás, pensando bem, e fazendo um balanço não me recordo de maus momentos vivenciados durante a prática e olha que sou uma pessoa bastante exigente comigo mesma profissionalmente e também com os alunos. Em relação às crianças, elas foram muito amorosas, realmente queridas e sempre dispostas a aprender e participar das tarefas e atividades propostas. Sempre buscando saber mais e para completar eram cordiais com os colegas e não apresentavam problemas de disciplina. Todos esses ingredientes colaboraram para efetivamente haver um crescimento afetivo e cognitivo no grupo de alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar uma reflexão de prática docente é tarefa bastante complexa quando sentimentos e emoções afloram juntamente às aprendizagens construídas. Acredito que ter abordado a afetividade neste trabalho foi algo que me possibilitou aprendizagens pessoais e principalmente profissionais que jamais serão esquecidas. Afetividade, emoção e aprendizagem são processos interligados permeados pelas experiências e vivências que as crianças nos trazem. Cabe ao educador filtrar e aproveitar ao máximo toda essa riqueza de informações.

As crianças envolvidas neste trabalho foram de suma importância para eu compreender o verdadeiro significado do mundo dos afetos. Aprender a ser mais tolerante, mais alegre, mais feliz, deixar as emoções aflorarem a partir de atividades simples que se tornaram momentos únicos e especiais tanto para mim como para os pequenos. Da mesma forma, o referencial teórico foi importante, pois possibilitou compreender a indivisibilidade entre afeto e cognição, a partir das idéias defendidas por Wallon e Vygotsky e a partir de então compreender os processos que se sucedem no ser humano desde o seu nascimento.

Sempre procurei estabelecer vínculos afetivos com meus alunos, mas sei que existe uma linha muito tênue entre afeto e limites, por isso este tema é tão delicado e muitas vezes não levado em consideração por grande número de educadores.

Concluo reafirmando idéias que já expressei no decorrer deste trabalho: um professor afetivo é mais feliz no seu ato docente, deixa as aulas mais significativas e torna a aprendizagem mais prazerosa.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1995.

CELA, J. & PALAU, J. Com voz de maestro. In: XAVIER, Maria Luisa M. et al. *Planejamento em Destaque: análises menos convencionais*. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Básica, v. 5)

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. IN: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl e DANTAS, Heloysa. *Piaget. Vygotsky e Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRA, Idalina ladeira. *Atividades na pré-escola*. 18ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FORTUNA, Tânia. Vida e morte do brincar. In: ÁVILA, Ivany Souza, SEFTON, Ana Paula et al. *Escola e Sala de Aula: Mitos e ritos - um olhar pelo avesso*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOLIBERT, Josette (Coord.). *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

LEITE, Sérgio Antonio da Silva (Org.). *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SALTINI, Cláudio. *Afetividade e inteligência*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

VYGOSTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. *Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Editorial Vega, 1979.

_____. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

XAVIER, Maria Luisa M. et al. *Planejamento em Destaque: análises menos convencionais*. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Básica, v. 5)

